

O AMOR, ESSA COISA, SABE COMO É

Rosangela N. Vernizi¹

Resumo

Este artigo trata do amor, do amor-eros, do amor-desejo, amor-paixão, tomando como ponto de partida uma frase muitas vezes repetida em diversos contos do escritor paranaense Dalton Trevisan, e que se faz título deste trabalho. Assim, a proposta deste artigo é relacionar o engajamento da psicanálise no modo como a ficção e a vivência amorosa de todos nós dizem do amor, na literatura e na vida.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Dalton Trevisan, amor, desejo, erotismo

Abstract

This article approaches the love, the love-eros, the love-desire, the love-passion, taking as starting point a phrase often repeated in a several tales of writer Dalton Trevisan, and it was used as a title of this work. Therefore, the proposal of this essay is study how the psychoanalysis concepts dialogues and says about the way of fictions and relationships about love, in the literature, and in the life.

Key words: Brazilian Literature, Dalton Trevisan's fiction, love, desire, eroticism

O nome dela é Maria. Ficamos juntos um domingo e tal. Mais uns dias e a gente foi se encontrando. Já namoro sério. O amor, essa coisa, sabe como é.

Dalton Trevisan, 2008

1. Introdução

A frase que dá nome a este artigo aparece em muitos contos de Dalton Trevisan, em diversos momentos de sua escrita, seja na fala de personagens, como na voz do escritor-narrador. É sempre uma frase colocada num ponto do texto em que, a representação da fatalidade, do “fazer o quê?”, daquilo que não se tem controle, que está num mais além do querer, do escolher, toma de sobressalto, personagens, e até mesmo – e por que não? – o escritor.

E então sua escrita nos leva pelas aventuras e desventuras, prazeres vividos e fracassados, negados e descontrolados, de *marias* e *joões* que, estampados num cenário cotidiano, nos colocam nesta via de mão dupla da ficção que diz da vida, porque a vida e os amores dizem da ficção de cada um.

¹ Psicanalista, Analista Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba e Mestre em Letras – Estudos Literários pela UFPR.

2. O amor, essa coisa, sabe como é.

Desde a primeira vez que li essa frase na obra de Trevisan, me chamou a atenção o caráter incontestável impresso pelo autor, afinal logo após o “sabe como é” há sempre um ponto. O autor subverte a retórica cotidiana que sempre faz com que façamos deste “sabe como é” uma pergunta. Não, não é uma pergunta. Ele afirma que sabemos como é, o que difere totalmente de saber o que é.

Há primeiro que se ressaltar que a conotação de amor na obra de Trevisan está muito distante do amor afeição, amor caridade, amor fraternal. Em seus textos o amor que encontramos é o que assalta, dilacera, transborda desejo e erotismo por todos os cantos de gestos e olhares. Mesmo quando inserido no sacramento do matrimônio, o texto de Trevisan não deixa dúvidas: não é o amor pregado pela religião, o amor da plenitude, da graça divina, das bênçãos celestiais, que nos põe em marcha dia após dia, numa ânsia sem fim por algo, essa coisa, talvez.

Toda obra de Trevisan, sabe-se, tem muito de ironia, assim como uma breve frase pode conter vários sentidos. O caráter irônico da afirmação “sabe como é” é flagrante, pois ninguém que é tomado por um amor violento, por um desejo ardente sabe como, porque e exatamente quando aconteceu. É inefável, simplesmente acontece. Assim, se sabe e não se sabe.

Por certo havia uma fenda, sempre há, e a falta causa do desejo se apresenta em corpo, cheiro, gosto, olhares. Acontece, em qualquer momento, em qualquer lugar. E é persistente, insistente, é a imagem constante em todas as músicas que se ouve, em textos que se lê, e até em outros seres: o olhar mira traços inconscientes que nos remetem ao objeto de desejo. E pode durar um tempo, muito tempo, ou essa coisa será eterna enquanto durar neste lugar. Lugar este que pode ser o da impossibilidade de acontecer na realidade.

Viúva, segundo casamento. Encontrei com essa senhora, de quase 80 anos numa agitada avenida. Ela com muita pressa: ia preparar o jantar para o marido. Amiga de muitos anos de minha família, ela fez questão de conversar, questionar, falar muitas coisas, até que abriu a bolsa e tirou da carteira uma foto antiga e me disse “até hoje ele é o amor da minha vida”. Um ex-namorado. Como ela bem frisou “há mais de 60 anos!”. Questiono como ela mantém aquela foto ali, ninguém percebe? Ela diz, “ele não liga, acha que sou louca”. E riu, muito feliz. Louca de amor, o desejo ali vivo, alegre. E se foi, passinhos faceiros, como de uma apaixonada adolescente.

Esse amor não concretizado na realidade faz dessa senhora uma jovem apaixonada por 60 anos! E ela não esconde, pois ele – o atual marido – sabe da foto, e não liga! A antiga foto na carteira, neste caso, é o de menos, o que ele não liga, e não quer saber é do enigma amoroso dessa mulher. A dedicatória de Serge André em seu livro *O que quer uma mulher* traduz bem a posição masculina do marido dessa senhora “Àquela que me sabe mentir” (ANDRÉ, 1998). O amor eterno que ela carrega simbolicamente numa foto – não escondida – em sua carteira é o que lhe assegura seu desejo não

sabido, a opacidade que faz dela uma mulher desejante e desejável aos quase 80 anos. É sua ficção de amor. Nem Freud, nem esse marido, nem tampouco os homens querem, de fato, saber o que deseja uma mulher. Podem sim ter interesse em saber o que agrada a mulher amada, mas de nada vale a um homem saber, saber como é, o desejo de uma mulher, aliás, nem ela mesma o sabe.

O que de fato importa a um homem é que essa mulher amada lhe assegure em sua doação amorosa que nesta relação um mais um, de dois sexos que não fazem um, mas dois numa parceria desejante, é ele que está na posição de lhe dar o que ela deseja. Afinal, a fantasia, suporte do desejo, é singular a cada um. Cada um gozando em sua fantasia, não há completude, não há relação sexual (LACAN, 1972-73, 1985), mas há sim parceria desejante. O amor, essa coisa...

Nessa relação que cito como exemplo e que já dura mais de vinte anos, e com certeza em tantas outras que “dão certo” no sentido literal e metafórico, é como se houvesse um diálogo não falado, mas vivenciado: você, meu marido, tem e me dá o que quero e desejo. Você, minha mulher, é a mulher que do seu desejo, desperta meu desejo. Essa, talvez, uma das principais diferenças entre paixão e amor: na parceria amorosa-desejante não é necessário confessar aquilo que não se sabe de si, simplesmente “sabe como é”.

Relembrando este breve encontro com esta senhora, me coloquei a pensar das possibilidades infinitas de não ceder de seu próprio desejo. Na suposta seriedade que nos propomos levar a vida, na sustentação da querida e amada imagem que construímos para nos sustentar como sujeitos, e por viver numa realidade quase sempre medíocre com seus prazos e demandas, a opção pelo mais seguro suporte do sintoma parece ser sempre a escolha mais cômoda: conviver com um sintoma demasiadamente cozido e sem tempero.

Não será este o percurso de uma análise, criar artificios – divertidos e por que não? – para prazerosamente amenizar o inevitável mal estar? É neste sentido que digo que a artimanha da exibida e sabida foto na carteira pode ser entendida como a ficção de amor desta mulher. Digo ficção no sentido literário mesmo, do fazer literário.

O bom escritor não banaliza a estética narrativa, confecciona seus textos de modo que haja espaços suficientes para que o leitor possa se inserir na narrativa, espaços estes que não o impedem de ficar submetido ao texto. Uma obra permite muitas leituras, mas um leitor não pode se desgarrar do texto para não desvirtuá-lo, daí a importância das marcas do texto. É uma espécie de liberdade vigiada (ISER, 1996; JOUVE, 2002): a narrativa é essa, mas você, leitor, pode enveredar por seus devaneios e fantasias, e depois volte ao texto, a narrativa escrita estará ali, intocada, impressa preto no branco.

Este é um limite bastante tênue, terreno escorregadio para muitos escritores, porém o prazer na leitura é muito maior quando nos encontramos com um texto assim, não nos sentimos traídos no final.

E quando um texto nos trai? Quando não deixa espaços para nossa fantasia, quando é tudo dado, planejado, enquadrado, um manual. Ninguém quer a vida transformada num manual, nem

tampouco escorregar-se nela. Tanto quanto para os escritores, como num percurso analítico, e consequentemente na vida, este é um limite tênue.

Uma prazerosa escrita da vida exige coragem, inventividade, humor. O “não se levar tão a sério” é o que delineia toda a escrita narrativa de um percurso analítico, mas desgarrar-se do sintoma e abraçar o próprio desejo é dolorido, e exige coragem, coragem para fazer *dançar* o fantasma, fazê-lo rodopiar para podermos vislumbrar sua outra face.

A tal “coisa” que sustenta o amor e, por conseguinte nos sustenta na vida, está justamente nestes espaços, nestes vazios que da nossa história, da nossa singular narrativa é reservado como espaço da falta, o nada que ficou como resto do interdito. E não é o interdito que dá todo suporte ao desejo? O desejo se constrói e se delineia contra o interdito. Sem o interdito o desejo se perde, e então já não se pode falar em amor.

Apropriar-se da escrita da própria vida e dos rompantes do desejo é ser fiel a si mesmo, é não trair o próprio desejo, pois trair o próprio desejo é uma das chaves para manter-se fiel ao mal estar, e ainda, de bônus, produzir uma relação infeliz. Ora, não faz mesmo diferença alguma uma velha e amassada foto na carteira, para quem divide a vida com uma mulher fiel ao seu desejo, louca, louca de amor.

Uma artimanha vivida e vista com humor, pode mesmo suavizar o insosso cotidiano, manter o desejo pulsando, mas apesar da infinidade de amores e modos de amar, ainda assim não se pode afirmar que o amor é a panaceia para a dor de existir, como bem frisou Freud em *Mal estar na civilização*: “nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade.” (FREUD, 1930)

“Eu estava indo para casa e resolvi parar num mercado que nunca vou. Viro assim num corredor e dou de cara com ele! Mais de dez anos que não o via! Sabe aquela coisa? Daí a gente conversou, ele também casou, tem filho, falamos de trabalho, estávamos os dois comprando o jantar... e foi só. Fomos cada um para seu lado com seu carrinho de compras. Vi aquele brilho no olhar dele sabe? Me deu uma alegria assim sem explicação, que durou dias.”

Num átimo, um evento de amor, não planejado, marcante. O traço está lá, aquele traço que diz de nosso desejo, mas do qual nada sabemos, apenas sentimos “aquela coisa”, que nos assalta. E não tem escapatória porque dá para ver aquele brilho no olhar.

E ela, depois de já finalizada a sessão, faz questão de completar: “não vou procurar por ele, não quero que mude nada na minha vida, mas foi bom ter encontrado”.

De fato, ela não quer mudar nada, sequer assassinar seu desejo, nem escamoteá-lo com a desculpa de que é casada, afinal qual a culpa? Logo que ela se vai me ocorre o trecho de uma música

“e quanto a mim, te quero, sim, vem dizer que você não sabe, e quanto a mim, não é o fim, nem há razão pra que um dia acabe”²

Não há razão, nem tampouco manejo consciente e estratégias que eficientemente apaguem algo ou alguém que diz de nosso desejo. A relação que poderia virar o “até que a morte nos separe” não vingou, mas não se pode dizer que não deu certo. Caso não reste qualquer vestígio do desejo de outrora, então é sabido que era outra coisa, e não a tal coisa ofegante, retumbante, transbordante. Se aquece, transborda, deixemos então a coisa lá, afinal, como diz Freud, o fato de muitas vezes não dar certo, de sofrermos, “não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade”. Felicidade esta que pode ter o tempo das compras no mercado, e quem sabe por mais alguns dias.

Interessante e enigmático neste encontro de traços inconscientes é sua labilidade. Por mais que tenha havido outro encontro amoroso, talvez mais consistente, mais intenso, com mais história, ainda assim, alguns, teimosamente persistem. Por anos. E outros ainda podem aparecer, subitamente.

O que há em comum nessas duas mulheres, é que elas não recuam diante da própria e tão singular ficção. Não se sentem ameaçadas pela imagem, seja a foto, seja o encontro fortuito, daquilo que inconscientemente se constrói para si do que é o amor, de algo que diz de seu desejo.

Não à toa, um dos maiores, se não o maior tema da literatura em todos os tempos seja o amor, em suas mais variadas formas. Na ficção que se escreve, que se lê, está todo o germe do que se constrói na singular ficção de cada um. Seja com esse ou aquele texto, sempre há algum com o qual nos identificamos. A estrutura narrativa copia e cola o erotismo, o *modus operandi* da ficção humana que é tecida lá na tenra infância, e que nos equipam a desejar do modo mais intenso, quantas e quantas vezes aquele traço, aquele, for acionado na metonímia de nosso ser.

“Ela, uma rainha de Sabá. Ele, um caniço de pernas tortas. Tudo a moça ouve, cabecinha baixa, sem sorrir. À noite, quem estava lá, se deliciando com o patê e o presunto? Entre beijos gulosos de uma canarinha à sua volta trinando feliz. O amor, essa coisa, sabe como é.” (TREVISAN, 2005)

E essa ficção singular não é privilégio feminino.

Encontrei um primo que há muitos, muitos anos não via. Quando adolescente, lembro-me de observar o modo apaixonado e marcado de muito desejo com este meu primo tratava a esposa, modo este entendido pelos familiares como uma “tapeação”, afinal ele tinha fama de paquerador. Soube a poucos meses que a mulher dele faleceu repentinamente. Ele me disse “eu até entendo a morte, o que não entendo, o que é difícil e dói, é a saudade”. E chorou.

A falta da mulher amada. Uma falta impossível de ser entendida, assimilada, aceita. Apesar da morte, “coisa da vida”, ele compreender. É a presença da constante ausência que dói, a dura realidade de que não há mais o princípio do prazer, aquilo que todos nós aprendemos tão cedo, não há mais o

² Música “Três lados” – autoria de Samuel Rosa e Chico Amaral – Banda Skank

fort-da da mulher amada, da mulher que deixava espaço para que ele a desejasse, para que ele pudesse ser homem na lacuna de sua ausência-presença. Há uma falta que dói, quando ele se lembra que ela está ausente. Como acontece com crianças pequenas quando vão para a escola: choram quando a mãe se vai, e muitas choram ainda mais quando a mãe vem buscá-los, quando lembram, percebem que ela estava ausente.

Ainda emocionado ele finaliza nossa conversa: “lembro tanta coisa boa, posso te dizer com toda certeza que ela me fez e me faz, um homem feliz”. Apesar da morte, não se desfez o laço amoroso, tantas coisas boas marcadas pelo desejo, tantos traços entrelaçados como podem se esvaír? A falta da presença dela dói, mas com as lembranças, ele mantém a ausência-presença da mulher amada, e “vou levando a vida”, como a criança que, sem nenhuma certeza de que a mãe irá voltar, se põe a brincar com os colegas. Essa é a ficção de amor que ele escreve para si próprio todo dia, apesar do luto. O amor, essa coisa.

Não há tempo no inconsciente, isso é bem sabido por todos nós, então não se pode afirmar de um fim, seja porque se separou, seja porque nunca se concretizou, seja porque a pessoa amada morreu. Obviamente não estou a endossar a crença no “felizes para sempre”.

Este objeto de desejo, este ser encarnado que ao mesmo tempo nos dilacera e nos sutura, toca nosso fantasma, desvela nosso desejo porque se entrelaça com traços, ressoa junto a ecos das lembranças do amor infantil, não some com a sentença do “não quero mais”. Não é uma simples vontade. George Bataille em sua obra *O erotismo*, quando trata do erotismo na experiência interior afirma que “o erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Se nós não damos conta disso, é porque o erotismo busca incessantemente *fora* dele um objeto de desejo. Esse objeto, contudo, corresponde à *interioridade* do desejo.” (BATAILLE, 1988). A não ser que esse ser tão amado e desejado traia a si mesmo, este objeto não será destituído deste lugar.

Em suma, trair a si mesmo é ignorar a importância da fantasia na manutenção do desejo. É quando se estrangula a fantasia alheia e a própria, quando não se “atenta para a responsabilidade pelo o que se sente e sobretudo – aqui estaria a novidade – pelo o que faz o outro sentir, pois quando alguém se apaixona por mim é por algo que lhe aconteceu comigo, e não posso simplesmente agir como se em nada me concernissem os efeitos que produzo nele. O que diz de mim ser o causador de tais afetos?” (GOLDENBERG, 2012).

Na posição de sujeitos, somos completa e absolutamente responsáveis por nossos inconscientes, e a cada momento temos que ser capazes de responder por nossos encontros, pelos acasos, pelas surpresas. Pelos amores que tivemos, temos e teremos. Pelo que causa nosso desejo. Pelo desejo que somos causa.

Escrever e editar a própria vida e a do parceiro tal qual um manual: organizado, compartimentalizado, metódico, sem graça, sem leveza e nem humor algum, é também trair a si

mesmo. Sempre há um momento em que deixamos todo e qualquer manual de lado, sempre falta o que mais queremos encontrar, e ainda, um manual é um texto que se leva muito a sério! Este amor faz sofrer quando segue e quando acaba. Um manual não comporta uma ficção de amor.

Se trágica é a vida, também não se pode dizer que a escrevemos na forma de um romance. A ficção particular comporta muitos personagens, comporta tempo indefinido, enredos diversos. A vida se escreve na forma de um livro de contos e crônicas, em que o amor, essa coisa, bem, cada um *sabe* de si como é.

3. Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo.** Lisboa: Edições Antígona, 1988.

FREUD, Sigmund. Mal estar na civilização. (1930). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. São Paulo: Imago, 1996.

GOLDENBERG, Ricardo. **Uma carta de amor.** Texto inédito cedido pelo autor para leitura em grupo de estudo na Associação Psicanalítica de Curitiba. 2012.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LACAN, Jacques. **Mais, ainda.** 2ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

NASIO, J.-D. **O livro da dor e do amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SILVA, Cyro Marcos da. Antígona e o desejo ou vamos deixar isto pra lá? In: **X Jornada de Direito e Psicanálise:** Interseções e interlocuções a partir de Antígona, de Sófocles. Curitiba: UFPR, 2013.

TREVISAN, Dalton. Amor de machão. In: **O maníaco do olho verde.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

———. O estripador. In: **33 contos escolhidos.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

———. Rita Ritinha Ritona. In: **Rita Ritinha Ritona.** Rio de Janeiro: Record, 2005.